



ARTIGO

# APRENDENDO A VOAR: JAMES AGGREY E OS ANOS DE FORMAÇÃO DE KWAME NKRUMAH

Contato  
CLN 308, bl. B, apto. 308  
70747-520 – Brasília – DF  
paiva.his@gmail.com

 Felipe Paiva\*

Universidade Federal Fluminense  
Niterói – Rio de Janeiro – Brasil

## Resumo

A característica mais marcante do político e ideólogo ganês Kwame Nkrumah (1909–1972) é seu pan-africanismo radical. O significativo África tinha para ele o sentido de nação a ser construída e reconquistada. Este ímpeto pan-africano foi fruto de um amadurecimento visível em sua trajetória. Nela, o educador ganês James Aggrey (1875–1927) desempenhou papel fundamental. Por meio de uma crítica da obra de Nkrumah e dos discursos e escritos de Aggrey abordamos neste artigo a relação intelectual entre ambos.

## Palavras-chave

Kwame Nkrumah – África – James Aggrey – Pan-africanismo – Gana.

\* Graduado em História pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). Mestre em História pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Doutorando em História pela Universidade Federal Fluminense. Professor substituto de História da África da Universidade de Brasília.



ARTICLE

# LEARNING TO FLY: JAMES AGGREY AND THE KWAME NKRUMAH'S YEARS OF FORMATION

Contact  
CLN 308, bl. B – apto. 308  
70747-520 – Brasília – DF  
paiva.his@gmail.com

 Felipe Paiva

Universidade Federal Fluminense  
Niterói – Rio de Janeiro – Brazil

## Abstract

The most remarkable characteristic of the Ghanaian politician and ideologist Kwame Nkrumah (1909–1972) is his radical Pan-Africanism. To him, the signifier Africa had the meaning of a nation to be built and reconquered. This Pan-African drive was the outcome of a visible maturation in his history. The Ghanaian educator James Aggrey (1875–1927) had an essential role in it. By means of a review of Nkrumah's work and of Aggrey's speeches and writings, we discuss the intellectual relations between them in this paper.

## Keywords

Kwame Nkrumah – Africa – James Aggrey – Pan-africanism – Gana.

## Introdução

O líder revolucionário ganês e principal nome do pan-africanismo revolucionário contemporâneo Kwame Nkrumah (1909–1972) possui uma obra matizada por elementos intelectuais distintos. Nkrumah bebeu de diversas fontes para formular seu pensamento. São conhecidas suas dívidas para com o cristianismo, o marxismo e também para com diversos intelectuais negros da primeira metade do século XX. Contudo, muitos são os elementos ideológicos subtextuais em sua obra, referências nem sempre explícitas, mas que o ajudaram a formular seu pensamento e ação.

Dentre estas referências ocultas, ou quase ocultas, está a do seu professor nos tempos de estudante secundarista, James Aggrey (1875–1927). Mais do que qualquer outro personagem, Aggrey merece o título de mestre de Nkrumah, pois o aprendizado nesse caso se deu menos pela leitura e mais no contato face a face, no encontro cotidiano, na alocação e na resposta instantânea do aluno a questões levantadas inadvertidamente por seu preceptor. A relação entre ambos comprova, portanto, que “o ideal da verdade viva é um ideal da oralidade”, conforme assegurou George Steiner.<sup>1</sup>

Não tendo Aggrey escrito nenhuma obra comparável, em volume, à dos demais influenciadores de Nkrumah, é preciso considerar a observação de Steiner ao pé da letra. Assim, o presente trabalho pretende descortinar as implicações dos ditos e dos poucos escritos de Aggrey na vida e no pensamento de Nkrumah. A análise será feita a partir da crítica dos enunciados do mestre e da obra do discípulo. Ao fim, deverá ser demonstrando o quão decisivo foi Aggrey na formação ideológica de Nkrumah, recolocando esse personagem em seu devido lugar de importância na gênese do pan-africanismo contemporâneo.

### 1. Um ilustre desconhecido

James Emman Kwegyir Aggrey é um daqueles personagens históricos desconcertantes, pois sua importância não condiz com o espaço que lhe é dedicado na narrativa historiográfica e na apresentação comum dos fatos. A influência que esse notável educador e orador público ganense teve em sua época é diametralmente oposta à memória que dele restou. Se na galeria do

---

<sup>1</sup> STEINER, George. *Lecciones de los maestros*. Madri: Siruela, 2016, p. 12.

pan-africanismo os retratos de Marcus Garvey e W. E. B. Du Bois aparecem em lugar de destaque, o busto de Aggrey está ao fundo, encoberto pela poeira do esquecimento. E, no entanto, foi justamente ele o primeiro a incutir na cabeça do jovem Kwame Nkrumah algumas das ideias subversivas que fariam dele a estrela maior da constelação pan-africana da segunda metade do século XX: “Foi ele [Aggrey] quem despertou pela primeira vez meu nacionalismo”.<sup>2</sup>

Kwegyir Aggrey nasceu em 18 de outubro de 1875 na então colônia da Costa do Ouro. Seu principal biógrafo, Edwin Smith, afirma, acertadamente, que a data de nascimento de Aggrey coincide com o princípio de uma revolução na África. O futuro professor de Nkrumah veio ao mundo em meio a um “vasto processo de transformação” induzido pela “moderna civilização ocidental”. Indicativo disso é o fato de um ano depois do seu nascimento, 1876, o governo britânico ter avançado suas tropas sobre as forças de resistência Ashanti, tornando a Costa do Ouro (ao menos a parte litorânea) definitivamente uma colônia.<sup>3</sup>

Contudo, a derradeira derrota das forças pré-coloniais se deu somente em 1900, após serem subjugados os contingentes militares reunidos pela rainha-mãe da cidade Ashanti de Edweso, Yaa Asantewaa, apoiada por um grande número de chefes aldeões que se recusavam a negociar com o invasor colonial. Vencida, a rainha-mãe Asantewaa foi capturada e exilada nas ilhas Seychelles junto a outro soberano Ashanti, o rei Prempeh.<sup>4</sup> Esta derrota militar efetiva dos estados africanos pré-coloniais, consubstanciada pela exploração econômica colonial, engendrou uma mudança profunda na então colônia da Costa do Ouro. Já a partir do século XIX, administrações burocratizadas foram instaladas. Novas instituições necessitam, pois, de um

---

<sup>2</sup> NKRUMAH, Kwame. *Un líder y un pueblo*. Tradução de Enrique González Pedrero. México D. F: Fondo de Cultura Económica, 1962, p. 31.

<sup>3</sup> SMITH, Edwin W. *Aggrey of Africa: a study in black and white*. Nova York: Richard R. Smith – INC, 1950, p. 15, 17. É muito significativo o fato de o trabalho de Smith, escrito logo após a morte de Aggrey, continuar sendo, até hoje, uma das únicas biografias amplas sobre esse personagem. Sua importância aqui é dupla, pois, além de referência bibliográfica, a obra de Smith aparece também na qualidade de fonte, visto que o autor reproduz vários trechos de escritos (especialmente correspondências) e dizeres de Aggrey. Esse trabalho de catalogação de Smith se mostrou de essencial importância para pesquisas posteriores, como a nossa, pois Aggrey não legou obra escrita de vulto (à exceção de um conto infantil que trabalharemos na sequência) e não existe, infelizmente, coletânea publicada de seus discursos e tampouco de sua correspondência e de suas entrevistas.

<sup>4</sup> FYNN, J. K. Ghana – Asante (Ashanti). In: CROWDER, Michel. (ed.). *West African resistance: the military response to colonial occupation*. Nova York: Hutchinson, 1972, p. 49.

novo tipo de pessoal de Estado treinado e habilitado a lidar com a máquina administrativa estatal. Emerge, então, um africano de novo tipo, componente de uma “elite emergente negra”.<sup>5</sup> Aggrey foi um dos primeiros a compor esse novo conjunto populacional.

Além de compor o aludido estrato social da “elite emergente”, ele também era um fante, mas não qualquer fante. Segundo suas próprias afirmações, os Aggrey teriam dado, em 1076, seu nome ao império cartaginês. Seu pai seria um “descendente direto dessa linha”, podendo falar por vários chefes da Costa do Ouro. Ainda de acordo com ele, seu pai também “foi relacionado com reis de linhagens com tradições que remetem à batalha ou cerco da Guiné no século XI”.<sup>6</sup>

O orgulho de sua ascendência não deve, no entanto, ser confundido com uma possível arrogância em relação à gente comum, que não possuía brasões familiares e tampouco histórias (ou estórias) de nobreza sanguínea para ostentar. Nas suas próprias palavras: “Eu não ostento meu sangue (...) Não escreva sobre minha origem. Somente alguns a conhecem. Eu nunca atento para isso. Eu sou um africano”.<sup>7</sup>

É perceptível, por esses trechos, que Aggrey representava uma tendência política diferente daquela de, por exemplo, John Mensah Sarbah (1864–1910). Nomes como Sarbah denunciavam a destruição da cultura fante tradicional pelos oficiais europeus e, em simultâneo, também acreditavam que a situação colonial havia trazido benefícios incontestes para os africanos. O problema residia, para esse grupo, no fato de que tais benefícios deveriam, necessariamente, respeitar os costumes e a cultura autóctone. Essas ideias ganharam corpo no trabalho de Sarbah *Fanti customary law* (1897). Por sua obra possuir forte apelo étnico-local é comum referir-se a ele como pai do “nacionalismo Fante”.<sup>8</sup>

Ao contrário dessas tendências nacionalistas locais (que apelavam para identidades e divisas políticas pré-coloniais), o nacionalismo de Aggrey era plenamente africano, ainda que não saibamos de forma precisa o que exa-

<sup>5</sup> KILSON, Martin. The emergent elites of black Africa, 1900 to 1960. In: GANN, L. H. & DUGNAN, Peter (ed.). *Colonialism in Africa (1870 - 1960)*, vol. II: The history and politics of colonialism (1914–1960). Nova York/Londres: Cambridge University Press, 1970, p. 351.

<sup>6</sup> Apud SMITH, Edwin W., op. cit., p. 19.

<sup>7</sup> Apud SMITH, Edwin W., op. cit., p. 20.

<sup>8</sup> OBICHERE, Boniface I. African critics of Victorian imperialism: an analysis. In: MADDUX, Gregory (ed.). *Colonialism and nationalism in Africa*, vol. I: Conquest and resistance to colonialism in Africa. Nova York/Londres: Garland, 1993, p. 35, 36, 37.

tamente ele entendia por “África”. Em que pese a incerteza, o mais provável é que, à maneira de outros pensadores pan-africanos, o significado exato de África fosse para ele um quadro impressionista cuja única cor realmente discernível era a negra. Pois, assim como seus pares, seu pan-africanismo era marcado pela retórica, àquela época inescapável, da raça.

De todo modo, tendo por base a compilação de seus escritos e dizeres legada por Edwin Smith, é possível dizer que ele foi um dos primeiros autores africanos (senão o primeiro) a pensar na unidade continental de forma direta, pondo-a não só no plano cultural ou racial, mas também político. Se a história do pan-africanismo é geralmente iniciada a partir da diáspora, Aggrey ajuda a recolocar em seu devido grau de importância a vertente intra-africana inicial dessa ideologia.

O embasamento do seu pan-africanismo vinha de diversas fontes. Diz seu principal biógrafo, Edwin Smith: Aggrey queria conhecer tudo.<sup>9</sup> Para cumprir esse desejo estudava com afinco, vivendo para e com os livros. Dentre suas leituras contavam-se os evangelhos. Assim como seu futuro discípulo, Nkrumah, Aggrey era particularmente religioso, tendo sido iniciado no mundo das letras pela mão do missionário de sua aldeia natal.

Tendo cumprido a educação missionária básica, ele chegou a ter funções junto a periódicos religiosos – nomeadamente o jornal *Gold Coast Methodist Times*, editado por um amigo seu, Anamam. Esgotando as possibilidades em sua pátria, ele voou a fim de continuar sua formação. Em 1898, Aggrey partiu para os Estados Unidos.

Já nesta época ele estava especialmente interessado em questões educacionais, insistindo na necessidade de um sistema pedagógico próprio para os africanos: “Aos africanos”, disse ele, “foi ensinado que tudo que era seu era errado, ímpio ou pagão. Nossos próprios nomes foram designados como pagãos, (...) nossos jogos pararam, nossos costumes foram descartados, e tudo o que era melhor nos nossos sistemas foi esquecido”. A educação que Aggrey predicava incluía tanto o “saber literário”, quanto, também, a agricultura,<sup>10</sup> talvez por ser a ligação primeira do homem com seu chão.

A ideia de Aggrey não era avançar um “particularismo” pedagógico sobre os jovens africanos. Afinal, ele próprio conhecia de cor as obras tanto de autores clássicos – Xenofonte, Cícero e Virgílio –, como de autores ingleses modernos – Shakespeare, Milton e Tennyson. Além da literatura ele inclui-

<sup>9</sup> Apud SMITH, Edwin W., op. cit., p. 37.

<sup>10</sup> Idem, p. 140, 141.

nou-se a estudar principalmente questões de retórica. O discurso político lhe animava o intelecto e a antiga disciplina grega (a retórica) era-lhe especialmente cara.<sup>11</sup> A oratória, como será visto adiante, foi sempre uma paixão de Nkrumah. Paixão certamente não acidental, mas aprendida com seu professor, Aggrey. Não por acaso Nkrumah seria o fundador da “Sociedade de Estudantes Aggrey”, grupo de estudos em questões de oratória, fundado logo após a morte do mestre.<sup>12</sup>

É importante notar que na lista de autores descrita acima (de Xenofonte a Tennyson) não há nada que fuja do currículo básico do intelectual africano das colônias britânicas do oeste do continente, ao menos daqueles formados em fins do século XIX e princípios do XX.<sup>13</sup> Os gregos e os poetas latinos eram presenças constantes na vida destes homens. Seus espectros rondavam a África ocidental, bastando a Aggrey seguir as marcas de suas sandálias fincadas no chão. Assim como Dante, ele passeava por uma “selva selvagem” (o colonialismo) guiado por Virgílio e sua *Eneida*.

Dão provas desse apreço aos clássicos o fato de depois de sua morte sua extensa biblioteca ter sido doada para a Escola de Achimota (Gana), importante instituição da qual trataremos na sequência. Em seu acervo contavam-se numerosas obras de história da Grécia antiga e de Roma, incluindo Gibbon, que escreveu sobre os romanos usando o vernáculo colonial, o inglês.<sup>14</sup> Essa intimidade com a prosa e a poesia inglesa (ao lado de Gibbon estavam os já citados Milton, Tennyson e Shakespeare) era uma consequência natural da colonização britânica que, junto com o versículo, levou também o verso.

O próprio Nkrumah fazia alusões à obra de Tennyson em seus escritos, autor que, provavelmente, aprendeu a amar com Aggrey. Foi com versos do poeta inglês que o jovem Kwame começou sua carta de intenções à Universidade de Lincoln, Pensilvânia – onde esperava cumprir sua formação.<sup>15</sup> No entanto, a correspondência com Aggrey não é meramente poética ou estilística, pois o próprio Aggrey também foi ter nos Estados Unidos sua formação universitária.

Aggrey chegou aos EUA em 1898 e por lá ficaria pelos próximos vinte anos de sua vida, estudando e lecionando. Adquiriu formação em medicina

<sup>11</sup> Idem, p. 50, 59, 60.

<sup>12</sup> NKRUMAH, Kwame. *Un líder y un pueblo*, op. cit., p. 56, 57.

<sup>13</sup> GOFF, Barbara. *“Your secret language”: classics in the British colonies of West Africa*. Londres/Nova York: Bloomsbury, 2014.

<sup>14</sup> Idem, p. 136.

<sup>15</sup> NKRUMAH, Kwame. *Un líder y un pueblo*, op. cit., p. 11.

e distinções em estudos clássicos e teologia. Já regressado à África trabalhava em uma tese de doutorado, auspiciada pela Universidade de Columbia, quando a morte o apanhou precocemente, em 1927.<sup>16</sup>

É importante salientar que Aggrey viveu nos Estados Unidos nas duas primeiras décadas do século XX, uma época em que a produção intelectual negra fervilhava e as ideias radicais (as quais formariam o amplo horizonte intelectual e ideológico hoje designado por pan-africanismo) surgiam. Também ele participou ativamente neste debate.

## 2. O pan-africanismo de Aggrey

Estando imerso em um contexto onde o racismo era a norma, Aggrey precisou se posicionar. Em uma de suas falas, afirmou que o povo estadunidense (e aqui ele se refere especialmente à parte sul do país) possui “um contributo especial para a solução do problema da raça e da civilização da África”. Tal contributo deveria ser usado para a “extensão do Reino de Deus”.<sup>17</sup>

O tom teológico do discurso será uma constante tanto em Aggrey quanto em Nkrumah. O importante, no entanto, é atentar para o problema que Aggrey buscava resolver: a questão da raça. Sua solução foi apelar para uma retórica da colaboração racial (branca e negra), acompanhada de uma ênfase na totalidade do continente africano (ou ao menos de sua porção sul-saariana) como recorte identitário e político e na conseqüente solidariedade com a população negra da diáspora.

Aggrey afirmava seu desejo em ser um “porta-voz para todo o meu país: África, minha África”. Um país que, em suas palavras estava ansioso, Tateando para ter seu lugar no seio da “irmandade das nações”, onde estaria a sua realização.<sup>18</sup>

A passagem é cristalina no que respeita aos termos nos quais Aggrey via a África: uma nação, um país. Ao dizer que ansiava em ver a África dentro da irmandade das nações ele deixa subentender que a independência política deveria ser conquista de todo o continente e não em cada território colonial em separado. Essa foi exatamente a mesma postura defendida por Nkrumah e desenvolvida, sobretudo, em sua obra *Africa must unite!*, publicada em 1963, uma vida após o pronunciamento de Aggrey. Nesta obra seminal, Nkrumah

<sup>16</sup> GOFF, Barbara, op. cit., p. 136.

<sup>17</sup> Apud SMITH, Edwin W., op. cit., p. 56.

<sup>18</sup> Idem, p. 116.



tinha por ambição “explicar minha filosofia política baseada na convicção de que são necessárias a liberdade e a unificação da África e de suas ilhas”.<sup>19</sup>

Essa unidade intracontinental herdada por Nkrumah não era a única premissa de Aggrey. Havia também em seu discurso um forte protagonismo da diáspora africana. A Costa do Ouro pode até ter-lhe dado o nascimento – “Deus a abençoe por isso”, disse Aggrey – mas ele pertencia não só à Costa do Ouro, senão a um universo mais amplo, que incluía “milhões de negros [Negroes] e pessoas de ascendência africana no mundo”.<sup>20</sup> Também nisso foi ecoado anos mais tarde por Nkrumah.

Em 1968 – quando já se encontrava destituído da presidência, após o golpe militar ocorrido em Gana em 1966 –, Nkrumah publica o panfleto *The spectre of black power*. Neste manifesto, ele argumenta que a luta dos negros da diáspora e dos africanos é “essencialmente a mesma, uma luta de morte contra a opressão, o racismo e a exploração”. O poder negro seria parte “da rebelião mundial do oprimido contra o opressor, do explorado contra o explorador (...) Este é o elo entre a luta pan-africana para a unidade no continente africano com todos que se esforçam para estabelecer uma sociedade socialista”. O poder negro seria, em suma, “o movimento de vanguarda do povo negro, mas abre o caminho para todas as massas oprimidas”.<sup>21</sup>

Contudo, além da ênfase intracontinental e diaspórica, Aggrey também predicava uma outra unidade: entre negros e brancos. O professor de Nkrumah via a si mesmo como intercessor da população negro-africana no sentido de demonstrar que existe “união e harmonia entre eles e os brancos, e entre os brancos e eles. (...) Estou trabalhando para trazer harmonia”. Ao final sentencia: “Você nunca pode vencer o preconceito atacando-o frontalmente, porque há mera emoção em sua raiz. Flanqueie-o, sempre. (...) Muitas vezes recebo críticas de ambos os lados – negro e branco. Mas tudo isso é um dia de trabalho”.<sup>22</sup>

Sua ideia de colaboração inter-racial foi sintetizada na metáfora do piano, sua mensagem mais célebre: “Você pode tocar uma melodia somente com as teclas brancas, e você pode tocar uma melodia só com as teclas negras, mas para ser harmônico você deve usar ambas – as brancas e as negras”.<sup>23</sup> Sua retórica não deixou de ter aplicação prática. Como, por exemplo,

<sup>19</sup> NKURUMAH, Kwame. *África debe unirse*. Tradução de Yolanda Fontal. Barcelona: Bellaterra, 2010, p. 15.

<sup>20</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>21</sup> NKURUMAH, Kwame. *The spectre of black power*. Londres: Panaf, 1968, p. 10, 12.

<sup>22</sup> Apud SMITH, Edwin, op. cit., p. 116.

<sup>23</sup> Idem, p. 123.

quando de sua visita à África do Sul em 1921, onde estabeleceu “comitês birraciais para consulta e discussão” – colocando, por meio deles, negros e brancos em contato regular.<sup>24</sup>

Por essa postura Aggrey passou a ser conhecido na época como o intérprete do pensamento birracial – “*bi-racial school of thought*”, nos exatos termos utilizados em 1928 pelo *The New York Age*, proeminente periódico negro que assim resumia a proposta de Aggrey: “o grupo birracial é o mais forte expoente do orgulho cívico e da melhoria social. Eles têm orgulho próprio e procuram relações amigáveis com outras raças de seu ambiente imediato”. Nisso Aggrey e os seus acólitos estariam criando uma “solidariedade de grupo” por meio de “métodos ordenados e pacíficos”.<sup>25</sup>

Em contraposição à corrente birracial de Aggrey, o jornal cita um grupo “ultraconservador” que pensa “sob a linha de cor” [*down with the colour-line*], uma tendência que advogava que “as raças negras podem aterrar onde bem entendem”.<sup>26</sup> A referência do jornal é ao grupo capitaneado pelo jamaicano Marcus Garvey.

O pan-africanismo do jamaicano Marcus Garvey estava baseado não só no paradigma da raça (compasso que Aggrey também acompanhava), mas também na defesa de um lugar para cada uma delas. A África seria o lugar da raça negra, a nação dos negros. Para ela deveriam rumar os negros e negras do mundo a fim de constituir uma nação independente. Em suas próprias palavras: “acreditamos na liberdade de África para o povo Negro do mundo, e pelo princípio da Europa para os europeus e da Ásia para os asiáticos; nós ainda exigimos África para os africanos em casa e no exterior”.<sup>27</sup>

Aggrey poderia concordar, até certo ponto, com os sentimentos subjacentes ao discurso de Garvey. Ele não ignorava o fato de que a militância garveyista era produto de um sistema opressivo. Todavia, o programa garveyano da “África para os africanos” lhe parecia mera retórica feroz sem conteúdo. Conquanto Garvey predicasse a ida dos negros e negras do mundo para a África, Aggrey fazia questão de ridicularizar essa ideia. Certa feita ele chegou a afirmar: “Em todo lugar que eu fui eles me perguntaram sobre a

<sup>24</sup> JOHNS, Sheridan W. Trade union, political pressure group, or mass movement? The industrial and commercial workers’ union of Africa. In: MAZRUI, Ali A. & ROTBERG, Robert (ed.). *Protest and power in black Africa*. Londres: Oxford University Press, 1970, p. 712.

<sup>25</sup> SMITH, Edwin W., op. cit., p. 121.

<sup>26</sup> Idem, ibidem.

<sup>27</sup> GARVEY, Marcus. *A estrela preta*. [S. l.]: Eu&Eu realidade rasta, 2013, p. 91.

frota que vem da América. Eu disse a eles que conheci esses dois navios e um deles está vazando”.<sup>28</sup>

A inimizade era patente e, ao que parece, extrema. À época corriam boatos de que os garveystas pretendiam dar fim à vida de Aggrey, enquanto este último respondia à altura com sentenças taxativas que deixavam pouca margem para dúvidas: “Se você ama a sua raça, conte a todos ao redor que Marcus Garvey é seu maior inimigo”.<sup>29</sup>

Neste jogo de contraposição havia espaço ocasional para algum diálogo. Em uma carta escrita em 1922, Aggrey regozijava-se pelo fato de alguns seguidores de Garvey terem ido ter com ele: “Estou feliz que as principais pessoas do movimento de Garvey foram trazidas. Eu tenho orado por isso e trabalhado persistentemente, e acreditei que o direito ganharia no final”.<sup>30</sup>

É difícil recompor os termos exatos da discordância entre Aggrey e Garvey. O fato de o primeiro não ter legado obra de vulto é um obstáculo nesse sentido. Contudo, a partir dos restos arqueológicos de seus discursos, é possível avançar algumas hipóteses plausíveis.

Em primeiro lugar, há a questão da personalidade. Aggrey – sempre representado como homem ponderado e meditativo na historiografia e na literatura memorialística (inclusive em Nkrumah) – deveria ter verdadeira aversão ao espírito impositivo e intransigente de Garvey. O convite à colaboração e à convivência entre as raças de um dava lugar a um tom exclusivista na fala do outro: cada nação para cada raça. Aggrey deveria ver em Garvey um radical inconsequente, enquanto Garvey deveria ver em Aggrey um mero colaboracionista.

Além disso, e talvez principalmente, é preciso considerar um fato crucial que marca uma distinção intransponível entre ambos. Ao contrário de Garvey, Aggrey era africano. Não somente nasceu na África, mas a conhecia de muitas viagens e andejos. Garvey, homem negro da diáspora, nunca chegou a ir para a África – terra que pretendia sua, não só simbolicamente, mas politicamente. Esse fato abria margem para as falas sardônicas de Aggrey em relação ao ideário de seu rival. Para Aggrey a nau de Garvey tardava a chegar pois estava furada, seu casco não havia sido talhado na madeira de lei da autoctonia.

Desse modo, não se deve descartar também a possibilidade de que, para Aggrey, a ideia de Garvey de realocar os negros e negras do mundo no

<sup>28</sup> Apud SMITH, Edwin W., op. cit., p. 122.

<sup>29</sup> Idem, ibidem.

<sup>30</sup> Idem, ibidem.

continente ganhava ares de uma espécie de colonialismo *sui generis*. Afinal de contas, aquela terra já possuía seus habitantes. Aqueles que eram naturais do lugar pelo critério não só da raça, mas do nascimento no própria chão – o critério comum da nacionalidade. O lugar tinha seus “autóctones” no sentido grego original – aquele que vem da própria terra.

Por outro lado, mesmo rivalizando com Garvey, Aggrey também não via com bons olhos ideias a respeito da miscigenação: “Eu não acredito em fundir preto e marrom e amarelo e branco em uma mistura”. A isto ele respondia com um orgulho negro no qual a raça era uma espécie de dom divino: “me alegra ser negro. Deus sabia os motivos por ter me feito assim. Ele quer fazer algo através de mim”. Para Aggrey, existiria pureza racial: “A verdadeira ideia africana de pureza, que você encontra nos sacrifícios, por exemplo, é que a cor deve estar lá em sua pureza: preto ‘sem defeito’ e branco ‘sem defeito’.<sup>31</sup>

Neste ponto, fica claro que, apesar das diferenças, Aggrey e Garvey estavam mais próximos do que eles próprios imaginavam. A raça era o denominador comum de ambos. O núcleo central do pensamento e o norteador da militância. Não só ela marcava em ambos uma divisa insuperável, expressa em um pelo desejo de uma nação racialmente definida (Garvey) e em outro pela aversão à miscigenação (Agregy).

### 3. Amanhecer em Achimota

A ênfase racial e educacional do discurso de Aggrey pode ser sintetizada da seguinte forma: estando convencido da existência de raças humanas, ele pretendia dar aos negros e negras da África uma educação que não retirasse dos africanos sua essência racial, mas que os fizesse ascender no caminho da civilização para a construção desse novo país-continente (África). Em suas próprias palavras:

Eu estou ansioso para que a África seja “civilizada” não ocidentalizada. Essa civilização deve ser cristã. Nós queremos uma civilização cristã – e assim juntos com o que há de melhor em nossa própria cultura nós faremos uma contribuição definitiva para a civilização do século XX.<sup>32</sup>

<sup>31</sup> Apud SMITH, Edwin W., op. cit., p. 123.

<sup>32</sup> Idem, p. 224.

Em meados dos anos 1920 é urdida, na então colônia britânica da Costa do Ouro, uma reforma educacional de proporções relevantes para a época. A ideia de uma escola que oferecesse ao mesmo tempo o ensino primário, secundário e profissionalizante para professores ganhava espaço. Baseada em Acra, essa instituição deveria funcionar como local de referência para toda a colônia. Sendo naquele momento o filho mais notável do solo ganês, Aggrey esteve envolvido diretamente no projeto dessa instituição.

Desse modo, foi nomeado em 1924 como vice-diretor da recém-fundada escola de Achimota. Neste lugar Aggrey alcançaria o auge de sua carreira, concretizando muitos de seus anseios pedagógicos e políticos. E foi lá que seu mais célebre aluno, o jovem Kwame, experimentaria “os anos mais felizes de minha vida”.<sup>55</sup>

Achimota foi o melhor exemplo do novo tipo de instituição de ensino inaugurada nesse período nas colônias britânicas. Essas novas escolas davam uma formação cuja referência era o contexto africano. Financiadas pelo governo colonial em parceria com instituições cristãs, lugares como Achimota eram erigidos para auxiliar na formação de membros educados à ocidental na sociedade ganense, tornando mais sólido e disseminado este tipo de educação. No mesmo tom do espírito da época, existiam projetos em Achimota cujo foco era a relação entre o conhecimento ocidental e a cultura africana. O produto imprevisto resultante desse tipo de educação foram as sementes de mudanças posteriores profundas em Gana.<sup>54</sup>

Não obstante o fato de ter servido como lugar de maturação para muitos líderes do futuro nacionalismo revolucionário ganês, Achimota era uma instituição extremamente seletiva, feita aos moldes dos internatos britânicos. Mas a ideia dos seus fundadores, incluso Aggrey, não era fazer dela uma cópia dessas instituições metropolitanas.

Para Aggrey era preciso, lembrando a citação acima, avançar a civilização na África, mas sem necessariamente ocidentalizá-la. Neste sentido, havia uma ênfase na agricultura – predicada anos antes por Aggrey –, enquanto outras áreas do currículo básico de Achimota se voltavam para cursos que enfocavam na “especificidade africana”. Os cursos mais influenciados por essa mirada eram os de história e geografia. Inobstante, as leis e instituições

<sup>55</sup> NKUMAH, Kwame, *Un líder y un pueblo*, op. cit., p. 37.

<sup>54</sup> BAËTA, C. G. Missionary and humanitarian interests, 1914 to 1960. In: GANN, L. H. & DUGNAN, Peter (ed.). *Colonialism in Africa (1870 - 1960)*, vol. II: The history and politics of colonialism (1914-1960). Nova York/Londres: Cambridge University Press, 1970, p. 430, 431.

nativas eram também estudadas e as ciências e matemáticas eram voltadas para a resolução de questões do ambiente africano.<sup>55</sup>

O corpo docente de Achimota era encorajado a viajar pela colônia e a estudar as instituições locais. Durante os “anos Aggrey” (que foram da fundação de Achimota em 1924 até sua morte prematura em 1927), muito fôlego – inclusive do próprio Aggrey – foi dispensado em dirimir as suspeitas africanas em torno do projeto colonial de Achimota.<sup>56</sup>

Em Achimota, prevalecia, portanto, a máxima educativa de Aggrey: a necessidade de elementos europeus no currículo, sem olvidar a África, sua história, seus costumes e suas necessidades. Como resultado dessa “civilização sem ocidentalização”, surgiram estudantes com uma atitude “ocidental” em relação ao tratamento sistemático do conhecimento, mas inteiramente africanos no que condizia ao respeito e ao desejo de manutenção de um certo *habitus* nativo.<sup>57</sup> Dentre estes, o futuro mandatário nacional de Gana, Kwame Nkrumah.

Foi lá, em Achimota, que o jovem Kwame conheceu James Emman Kwegyir Aggrey, à época já notabilizado como educador e orador público ganense, com um currículo vasto que incluía um curso superior nos Estados Unidos e várias passagens pela África de colonização britânica.<sup>58</sup> A impressão que causou no jovem Kwame, então com 17 anos, foi profunda.

Aggrey aparece na vida de Nkrumah em um momento muito delicado. O futuro mandatário ganês acabara de perder o pai. A morte do pai foi, em suas próprias palavras, “uma grande tragédia” e lhe deixou “um vazio no círculo familiar”. Na mesma página em que relata essa experiência trágica Nkrumah se põe a rememorar Aggrey: “a figura em que todos os africanos se fixavam nesses dias era a do doutor Kwegyir Aggrey”.<sup>59</sup>

É possível que a morte da figura paterna tenha tornado ainda mais fértil o solo da mente de Nkrumah à semente de Aggrey. Além de um exemplo intelectual próximo, o educador também lhe aparecia nesse momento vulnerável da vida em que estava com o peito dolorido pela perda de um outro referencial, o paterno. O fato de Nkrumah citar ambos de maneira quase

<sup>55</sup> FOSTER, Philip. *Education and social change in Ghana*. Chicago: University of Chicago Press, 1965, p. 166.

<sup>56</sup> KIMBLE, David. *A political history of Ghana: the rise of Gold Coast nationalism (1850-1928)*. Nova York/Londres: Oxford University Press, 1965, p. 115.

<sup>57</sup> Idem, p. 114.

<sup>58</sup> NKRUMAH, Kwame, *Un líder y un pueblo*, op. cit., p. 29.

<sup>59</sup> Idem, *ibidem*.

simultânea em sua autobiografia corrobora essa ideia, ainda que ela permaneça aqui como especulação lateral.

O fato realmente importante é que para o jovem Kwame, Aggrey lhe “pareceu o homem mais notável que havia conhecido até então e lhe devotava meu mais profundo afeto”. Esse afeto irrestrito transparece no retrato que o discípulo pinta do mestre. Para Nkrumah, Aggrey “possuía intensa vitalidade e entusiasmo e uma risada contagiosa que parecia elevar-se do seu coração; era, ademais, um grande orador”. Em tom categórico afirma ter sido “ele quem despertou pela primeira vez meu nacionalismo”.<sup>40</sup>

Ainda segundo as memórias do então presidente, Aggrey “estava muito orgulhoso de sua raça, mas se opunha vigorosamente à segregação racial de qualquer tipo e, ainda que entendesse o princípio ‘África para os africanos’, sustentado por Marcus Garvey, nunca vacilou em atacá-lo”.<sup>41</sup>

De acordo com Nkrumah, a recusa do princípio garveyano se assentava no fato de Aggrey acreditar na colaboração entre “as raças negra e branca”. Esta colaboração foi a chave do discurso inaugural da escola de Achimota e também “a essência de sua missão”, de forma que repetia constantemente pelos corredores de Achimota sua metáfora favorita: “Pode tocar-se uma melodia nas teclas brancas e outra nas negras, mas para que se produza a harmonia é preciso utilizar as brancas e as negras”.<sup>42</sup>

Pode-se imaginar o professor rodeado por alunos devotados, repetindo à exaustão seus dizeres, metáforas e parábolas. Os discípulos deviam ouvir com atenção redobrada quando o assunto envolvia questões políticas, especialmente a disputa com Garvey. Expressar discordância aberta com o professor deveria ser prática pouco usual. O mais comum, provavelmente, era guardar a questão no útero da mente, deixando-a em gestação. Aparentemente foi essa a atitude de Nkrumah.

Nkrumah assegura que já por esta época, então com 17 anos, “não podia aceitar que fosse factível essa ideia de Aggrey, porque eu defendia que essa harmonia só poderia existir quando a raça negra fosse tratada como igual à raça branca”; pois, continua o chefe de Estado, “só um povo livre e independente – um povo com governo próprio – pode reclamar a igualdade, racial ou de qualquer tipo, com outro povo”.<sup>43</sup>

---

<sup>40</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>41</sup> Idem, *ibidem*, p. 32.

<sup>42</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>43</sup> Idem, *ibidem*.



Não é de todo impossível que o jovem Kwame tivesse discordâncias com o seu professor. Mas aqui, neste ponto em específico, cabe a dúvida. Primeiro porque, como visto acima, o princípio colaborativo de Aggrey não excluía o desejo pela independência – de todo o continente, e não só da então Costa do Ouro. Segundo porque Nkrumah só conheceria, segundo suas próprias memórias, a obra de Garvey – a *nêmesis* de Aggrey, diretamente implicada nessa passagem – no seu período de estudante universitário nos Estados Unidos.<sup>44</sup>

Essa passagem é, pois, antes retórica política que rememoração. Nkrumah quer fazer crer ao leitor que, desde sempre, sua posição foi a de um nacionalista revolucionário radical. Se já aos 17 anos ele tinha esse tipo de posição é algo passível de discussão, o que não se pode duvidar é que para sua mitobiografia seria muito mais interessante que assim fosse. O homem maduro escrevia suas memórias com interesses que o jovem rapaz de 17 anos não teria se narrasse a história *in loco*.

O que não se deve pôr em questão é o nível de admiração que o jovem Kwame (e o Nkrumah maduro) tinha por Aggrey. Essa admiração rende aquela que talvez seja a passagem mais comovente, sob o ponto de vista literário, na autobiografia de Nkrumah.

Certa feita, uma chuva teimosa e pesada se abateu por Achimota. Por conta dela o jovem Kwame não regressou à casa, permanecendo no internato. Quando a noite teve início, ele foi até o auditório de artes manter conversa com outros alunos que estavam na mesma situação. Foi quando Aggrey entrou subitamente: “Estava radiante de vitalidade e entusiasmado com as férias que iria passar na Inglaterra e nos Estados Unidos”. O professor confabulou com seus alunos e, na despedida, colocou seriedade no semblante e disse: “Irmãos, orem por mim. Até agora eu provoquei em vocês uma fome que não pude satisfazer. Roguem para que, ao regressar, eu possa satisfazê-la”. Todavia, finaliza Nkrumah, ele “nunca voltou e essas foram as últimas palavras dele que escutamos. Uma semana depois chegou até Acra a notícia de que Aggrey havia morrido”.<sup>45</sup>

A morte de Aggrey foi um golpe tremendo para o jovem Kwame: “A comoção súbita desta notícia, seguida pelo convencimento progressivo de que

---

<sup>44</sup> Idem, p. 64, 65.

<sup>45</sup> Idem, *ibidem*.



havia perdido para sempre a guia deste grande homem, minaram todo meu ser e fui incapaz de comer durante três dias”.<sup>46</sup>

#### 4. Voar

Imediatamente após a morte de seu principal professor, o jovem Kwame deve ter se sentido desorientado. Não tardariam a aparecer outras figuras de referência para ele, dentre as quais o nigeriano Nnandi Azikiwe e o serra-leonês Wallace Johnson, mas nesse meio tempo sua dor deve ter sido profunda. E era a maior das dores, a da ausência. Entretanto, profunda também foi a presença de Aggrey na obra e na vida de Nkrumah.

A primeira marca, mais fácil de ser notada, foi pessoal, íntima. Muitas das escolhas pessoais de Nkrumah – escolhas estas que também teriam consequências políticas penetrantes – foram feitas tendo por base o exemplo de Aggrey. Dentre estas, a decisão em cumprir carreira acadêmica nos Estados Unidos, desejo que Nkrumah não abriria mão, apesar das dificuldades. Em suas próprias palavras:

Foi minha grande admiração por Aggrey, como homem e como intelectual, que me fez acalantar a ideia de continuar meus estudos nos Estados Unidos. Meu plano era terminar o curso preparatório de professor, dedicar cinco anos a lecionar e tratar de conseguir o dinheiro necessário para a passagem.<sup>47</sup>

O jovem Kwame sentia sede e ansiava por beber da mesma fonte de seu professor. Queria participar dos mesmos debates, ter interlocutores semelhantes, conferir de perto o entorno no qual seu professor ambientava seus discursos e histórias. Em suma, o jovem rapaz de 17 anos queria viver, em parte, a vida do mestre e, como consequência, desejava também dar continuidade a uma obra interrompida precocemente.

Outro eco de Aggrey é menos intimista e mais ideológico e diz respeito à própria definição conceitual da ideologia que fez de Nkrumah famoso, o pan-africanismo. Aggrey, como demonstrado anteriormente, entendia a África como sendo seu país. Esse será o mesmo sentimento acalentado mais tarde por Nkrumah e sintetizado em seu manifesto pan-africano *Africa must unite!*, publicado originalmente em 1963.

---

<sup>46</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>47</sup> Idem, p. 33

Além disso, Nkrumah diferencia em sua obra madura o “nacionalismo negro” e o “nacionalismo africano”.<sup>48</sup> Ainda que estabeleça essa diferença, ele nunca chegou, de fato, a perfazer uma conceituação diferencial de ambos os fenômenos. Se limitou apenas a dizer que Garvey e os seus defendiam o “nacionalismo negro” enquanto ele, Nkrumah, tinha por bandeira o “nacionalismo africano”.

Escreveu Nkrumah que, após o congresso pan-africano realizado em Manchester em 1945, evento no qual ele tomou parte diretamente, a ideologia pan-africana deixava de ser definitivamente “um movimento bastante nebuloso, vagamente intencionado no nacionalismo negro, o movimento pan-africano se convertera em uma expressão do nacionalismo africano”. Assim acontecia, pois a maioria dos participantes do congresso era “procedentes da África”.<sup>49</sup>

Essa posição foi defendida não só naquela parte de sua obra com ambição mais filosófica, mas foi também abertamente expressa em sua fala política. Em uma visita oficial à Libéria em 1953 Nkrumah faz um inflamado discurso onde disse: “África para os africanos! África para os africanos, mas não segundo a filosofia que predicava Marcus Garvey. Não! Estamos criando outra África para os africanos, com uma concepção distinta”. Essa nova concepção repousava no desejo de construir “Um Estado livre e independente. Queremos governarmos em nossa própria terra sem interferência estrangeira, e vamos conseguir que assim seja!”.<sup>50</sup>

É impossível entender essas passagens sem a presença subcutânea de Aggrey. No fundo, ao diferenciar o “nacionalismo africano” do “nacionalismo negro”, Nkrumah reabre uma chaga nunca totalmente fechada pelo seu antecessor Aggrey. Ao falar que o pan-africanismo deveria obedecer ao “nacionalismo africano” em detrimento do “negro” ele está, assim como seu mestre de Achimota, definindo a nacionalidade africana pelo critério comum do pertencimento territorial e não pela divisa da raça.

No entanto, não se deve creditar vitória plena a Aggrey nessa batalha encarniçada entre ele e Garvey pelo coração de Nkrumah, pois em muitos momentos da obra nkrumaniana é a raça, e não o pertencimento territorial, que compassa o pan-africanismo. Em 1968, Nkrumah escreveria com todas as letras que a África é “o lar do homem negro e dos descendentes de afri-

<sup>48</sup> Idem, p. 74.

<sup>49</sup> NKRUMAH, Kwame. *Africa debe unirse*, op. cit., p. 161.

<sup>50</sup> NKRUMAH, Kwame. *Un líder y un pueblo*, op. cit., p. 214. Grifos do original.

canos ao redor do mundo”.<sup>51</sup> Garvey nunca deixou de ecoar em seu coração, em sua indecisão.

Com efeito, a disputa entre Aggrey e Garvey marca decisivamente a obra do principal discípulo de ambos. Os escritos de Nkrumah possuem essa contradição entre, de um lado, a terra e, do outro, a raça. O motivo dessa contradição é a presença de Aggrey em sua mente. Que isso tenha passado despercebido pela maior parte de seus comentadores é um sintoma do esquecimento absoluto que recaiu sobre Aggrey, figura indispensável para pleno entendimento do movimento pan-africano.

Contudo, mesmo que tenha sido olvidado pela maioria dos autores, Aggrey é um personagem familiar, especialmente para o público brasileiro. A única obra de Aggrey foi um conto infantil – e não poderia ser de outra forma, pois ele foi, antes de tudo, um educador. O conto se intitula *A águia que não queria voar* e narra a história de uma águia que devido à crueldade de um fazendeiro é criada junto às galinhas. Um belo dia, porém, um naturalista aparece na criação e corrige o fazendeiro. Argumenta que tendo sido criada com as galinhas, a ave “continua sendo uma Águia, porque seu coração é de Águia. Por isso, um dia ela vai ganhar o céu e voar bem alto”.<sup>52</sup> O naturalista encoraja a águia e, depois de alguma relutância, ela alça um imponente voo: “Majestosa, a ave abriu suas enormes asas de repente e, grasnando como uma águia, alçou voo. Subia cada vez mais alto. Ela nunca mais voltou”.

Após contar essa história aos seus ouvintes Aggrey dizia:

Povos africanos! Nós fomos criados à imagem e semelhança de Deus, mas os homens nos ensinaram a pensar como galinhas e ainda pensamos assim, como se, de fato, fôssemos galinhas. Somos águias, porém. Por isso, abram suas asas e voem! Nunca se contentem com os grãos de milho que nos jogam.<sup>53</sup>

Enquanto Aggrey pronunciava essas palavras, o jovem Kwame ouvia atentamente. Ele só precisava de tempo e paciência para maturar suas asas e voar. Mais alto do que seu próprio professor jamais imaginara.

<sup>51</sup> NKUMAH, Kwame. *The spectre of black power*, op. cit., p. 14.

<sup>52</sup> AGGREY, James. *A águia que não queria voar*. Tradução de Sergio Tellaroli. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2012, [s. p.].

<sup>53</sup> Idem, [s. p.]. A comovente (e subversiva) historietta serviria de base para um dos maiores *best sellers* brasileiros, *A águia e a galinha* (1997), de Leonardo Boff. Aggrey é, portanto, muito mais próximo a nós do que imaginamos. É assombroso que seu nome tenha permanecido encoberido pelo pó do esquecimento por tanto tempo. Por outro lado, que sua história tenha sido tão bem aceita por nós tanto tempo após ser escrita, e num contexto tão diferente, comprova

## Conclusão

Em 1935, o então jovem Nkrumah alça seu primeiro voo ao tomar lugar na embarcação que o levaria até os Estados Unidos. Voou nas costas do mar, nos ombros do vento. Lá, na outra borda do oceano, ele conheceu melhor a vida e a obra daqueles a quem ele próprio teria por patriarcas da ideia pan-africana: Henry Sylvester-Williams, W. E. B. Du Bois e Marcus Garvey.<sup>54</sup> Nesse fundamento tríplice há um quarto ausente, Aggrey. O esquecimento no qual o mestre caiu foi, em parte, responsabilidade de seu principal discípulo. Em que pese esse aparente eclipse, no acorde Nkrumah a nota Aggrey fez o baixo, essencial para o início da música e para sua ulterior condução. Foi o exemplo de Aggrey que instigou, intelectual e emotivamente, Nkrumah a levantar seu voo. Ícaro não existiria sem Dédalo.

## Referências bibliográficas

- AGGREY, James. *A águia que não queria voar*. Tradução de Sergio Tellaroli. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2012.
- BAËTA, C. G. Missionary and humanitarian interests, 1914 to 1960. In: GANN, L. H. & DUIGNAN, Peter (ed.). *Colonialism in Africa (1870-1960)*, vol. II: The history and politics of colonialism (1914-1960). Nova York/Londres: Cambridge University Press, 1970.
- BOFF, Leonardo. *A águia e a galinha*. Rio de Janeiro: Vozes, 1997.
- FOSTER, Philip. *Education and social change in Ghana*. Chicago: University of Chicago Press, 1965, p. 166.
- GARVEY, Marcus. *A estrela preta*. [S. l.]: Eu&Eu Realidade Rasta, 2013.
- FYNN, J. K. Ghana – Asante (Ashanti). In: CROWDER, Michel (ed.). *West African resistance: the military response to colonial occupation*. Nova York: Hutchinson, 1972.
- GOFF, Barbara. *“Your secret language”: classics in the British colonies of West Africa*. Londres/ Nova York: Bloomsbury, 2014.
- JOHNS, Sheridan W. Trade union, political pressure group, or mass movement? The industrial and commercial workers’ union of Africa. In: MAZRUI, Ali A. & ROTBERG, Robert (ed.). *Protest and power in black Africa*. Londres: Oxford University Press, 1970.

---

que o impacto desse ganês foi, à sua época, de fato tremendo, especialmente na mente do principal líder pan-africanista do século XX, Kwame Nkrumah.

<sup>54</sup> NKRUMAH, Kwame. *Africa deve unir-se*, op. cit., p. 159, 160.

- KILSON, Martin. The emergent elites of black Africa, 1900 to 1960. In: GANN, L. H. & DUIGNAN, Peter (ed.). *Colonialism in Africa (1870-1960)*, vol. II: The history and politics of colonialism (1914-1960). Nova York/Londres: Cambridge University Press, 1970.
- KIMBLE, David. *A political history of Ghana: the rise of Gold Coast nationalism (1850-1928)*. Nova York/Londres: Oxford University Press, 1965.
- NKRUMAH, Kwame. *Un líder y un pueblo*. Tradução de Enrique González Pedrero. México D. F: Fondo de Cultura Económica, 1962.
- \_\_\_\_\_. *The spectre of black power*. Londres: Panaf, 1968.
- \_\_\_\_\_. *África debe unirse*. Barcelona: Bellaterra, 2007.
- OBICHERE, Boniface I. African critics of Victorian imperialism: an analysis. In: MADDOX, Gregory (ed.). *Colonialism and nationalism in Africa*, vol. I: Conquest and resistance to colonialism in Africa. Nova York/Londres: Garland, 1995
- SMITH, Edwin W. *Agrey of Africa: a study in black and white*. Nova York: Richard R. Smith – INC, 1930.
- STEINER, George. *Lecciones de los maestros*. Madri: Siruela, 2016.

Recebido: 02/10/2017 – Aprovado: 07/03/2018